

O grito que ainda ecoa

Dom Pedro I proclamou a independência às margens do riacho do Ipiranga em 7 de setembro de 1822. O grito foi real, mas a ruptura, parcial. O Brasil independente nasceu endividado com a Inglaterra, que reconheceu a nova nação em troca de vantagens comerciais. Nasceu com uma economia voltada para fora, dependente da exportação de commodities e do humor dos mercados europeus. Nasceu, em suma, formalmente livre e estruturalmente dependente, uma tensão que atravessou dois séculos e ainda não foi inteiramente resolvida.

Hoje, essa tensão se apresenta com nova roupagem. O que analistas apelidaram de Doutrina Donroe é a versão Trump dessa velha ambição hemisférica – fusão do nome Donald com Monroe, numa referência ao presidente americano James Monroe, que em 1823 proclamou o direito dos Estados Unidos de intervir nos assuntos do continente. Mais agressiva, mais transacional e menos disfarçada do que seus antecessores, ela trata a América Latina como quintal estratégico a ser gerido conforme os interesses de Washington: afastando a China, controlando recursos naturais e cobrando alinhamento político como contrapartida de qualquer relação comercial.

O Brasil, maior economia do hemisfério sul, não está imune a essa pressão. As tarifas impostas sobre produtos brasileiros, a interferência no debate eleitoral, as tentativas de instrumentalizar a política externa americana para fins domésticos compõem um quadro que o país precisa reconhecer pelo que é: uma disputa pela autonomia que o grito de Dom Pedro I

prometeu e que segue incompleta.

Essa autonomia, vale dizer, não significa isolamento. Significa o direito de conduzir as próprias eleições sem interferência externa, de gerir as próprias riquezas naturais segundo os interesses do povo brasileiro, de firmar parcerias comerciais com quem melhor servir ao desenvolvimento nacional. Significa ter instituições que funcionem. Imperfeitas, sim, como toda criação humana, mas aperfeiçoando-se pelos seus próprios mecanismos, sem tutela de fora. É esse o projeto que o 7 de Setembro deveria celebrar.

O Brasil já provou que é capaz. Defendeu eleições sob pressão, preservou instituições que resistiram a tentativas de ruptura, protegeu recursos estratégicos que potências externas cobiçavam. Fez isso com todas as suas contradições, sua desigualdade, sua burocracia pesada e sua política barulhenta. Um país imperfeito que, quando precisou, encontrou em si mesmo a força para não se dobrar. É dessa força, e não de tutelas externas, nem de alinhamentos automáticos a qualquer potência, que vai nascer o Brasil que ainda estamos construindo. A autonomia não é um ponto de chegada. É a condição para que qualquer chegada valha a pena.

É hora, portanto, de devolver o 7 de Setembro ao que sempre deveria ter sido: um dia de orgulho pelo caminho percorrido e de reflexão honesta sobre o caminho que falta. Um dia para todos os brasileiros, independentemente de partido, de ideologia, de origem. Um dia para olhar para o país que temos, com suas contradições, suas belezas, suas feridas, e perguntar, sem medo da resposta, que país queremos ser.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cgbpress.com.br

A ignorância "antivax" e as bexigas

Popularmente conhecida como bexiga, durante milhares de anos a varíola foi uma das doenças mais devastadoras da humanidade. Apesar de a doença ter sido muito associada ao período moderno, recentemente, pesquisadores do Instituto Científico Medea e da Universidade de Milão, na Itália, concluiram que a família de vírus Orthopoxvirus surgiu há pelo menos 3,8 mil anos.

Os cientistas rastrearam a evolução do micro-organismo, comparando cepas modernas e históricas. Depois, modelos matemáticos ajudaram os pesquisadores italianos a estimarem quando a varíola surgiu. A data sugerida, de quase 4 mil anos, combinou com evidências arqueológicas. Algumas múmias egípcias, incluindo a do faraó Ramsés V, tinham na pele as cicatrizes da doença, caracterizada por bolsas repletas de pus, semelhantes a bexigas cheias de ar.

Os que sobreviviam à varíola, ao menos tornavam-se imunes a ela. Com esse conhecimento, na China, na África e na Índia já se inoculava o material das pústulas muito antes dos experimentos do franco-britânico Edward Jenner, no fim do século 18. Era um procedimento arriscadíssimo, mas, quando dava certo, protegia contra o terrível Orthopoxvirus variolae.

A chegada dessa técnica à Europa é atribuída por historiadores à inglesa Lady Mary Wortley Montague. Em 1715, ela ficou desfigurada ao contrair a varíola. Em Istambul, descobriu que a corte otomana era adepta da inoculação e ficou impressionada. Ela havia perdido um irmão de 18 anos para a doença e, determinada a evitar que mais alguém de sua família morresse de varíola, ordenou que os filhos de 4 e 5 anos fossem inoculados com a pústula.

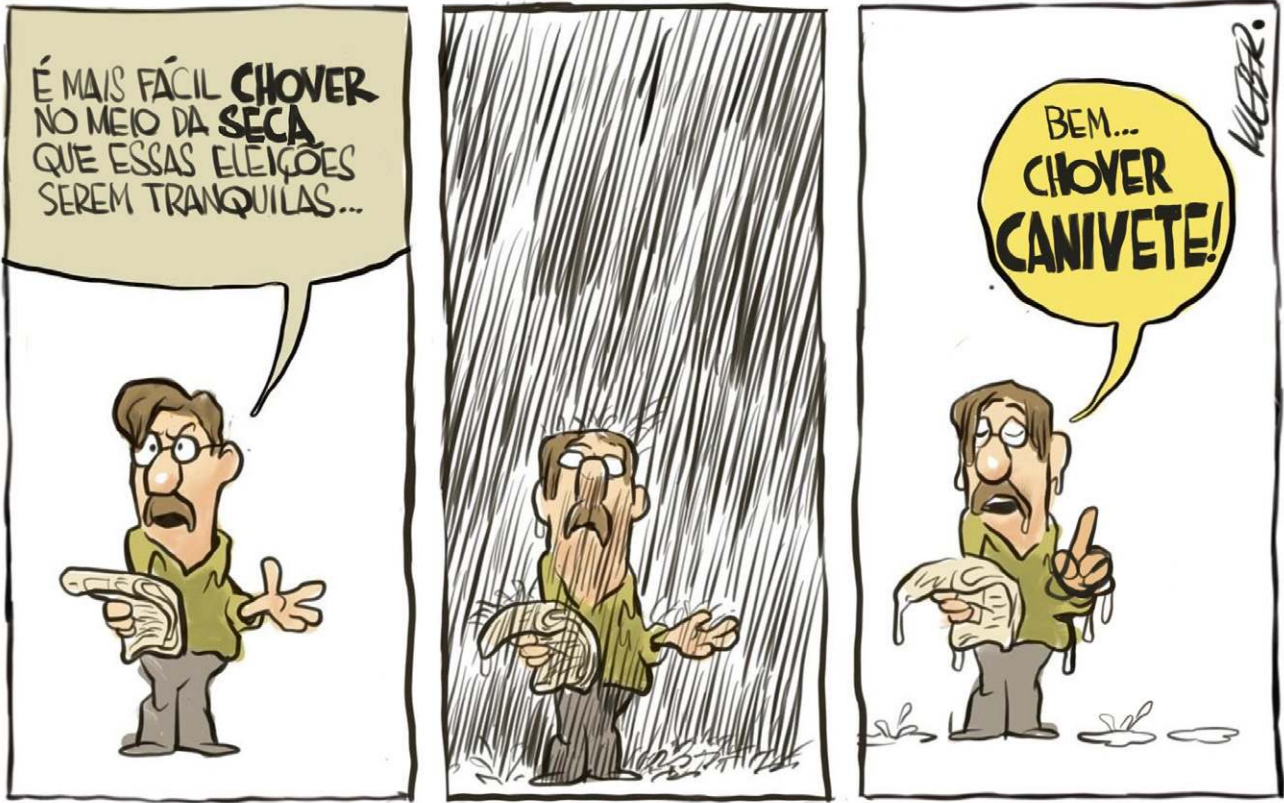
No fim daquele século, o naturalista Jenner deu um passo fundamental rumo à erradicação da varíola. Inoculou o vírus no pequeno James Phipps, de 8 anos. No mês seguinte, a criança passou pelo mesmo procedimento e, dessa vez, não desenvolveu nenhum sintoma da varíola.

Graças à sabedoria e à coragem de mulheres e homens que observaram, testaram, erraram e acertaram, a doença foi eliminada em todos os continentes na década de 1980. Isso após uma campanha massiva de vacinação, que não encontrou resistência.

Desde o fim da década de 1990, quando um artigo falso associou a tríplice viral ao autismo, porém, o movimento dos "antivacina" vem se fortalecendo. No ano passado, pesquisadores da Universidade de Washington fizeram uma revisão da literatura científica para entender o crescimento da hesitação vacinal nos Estados Unidos. Notícias falsas, má gestão da pandemia de covid-19 e polarização política foram os principais motivos. Muito parecido com o que se observa no Brasil, onde a cobertura vacinal passou de 96,3% em 2025 para 86,6%, dez anos depois.

Um país que tanto se orgulhava de seu programa nacional de imunização — criado em 1973, durante a ditadura militar, diga-se de passagem — começa a se render à ignorância, em parte, devido a escolhas influenciadas por “lado político”.

A varíola humana não retornará. Mas há outras doenças causadas pela família dos Orthopoxvirus, como a Mpox, que poderão emergir. Se bexigas purulentas voltarem a cobrir rostos e corpos, causar cegueira e matar 30% dos infectados, já sabemos de quem cobrar a conta.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail: sredat.df@dabr.com.br**

Turnê de Rubio

A turnê de Marco Rubio pelo “quintal” dos EUA, ou seja, pela América do Sul, é uma demonstração de força. O discurso é bonito: cooperação, combate ao narcotráfico, alinhamento estratégico. A prática é outra: pressão militar, agenda unilateral, interesse disfarçado de parceria. Isso é uma interferência! É uma tentativa de moldar as prioridades de países soberanos às conveniências de Washington. Isso significa que não existe uma cooperação equilibrada quando um lado chega com botas e canhões e o outro lado com dúvidas; pouco existe respeito quando a região é tratada como zona de influência, não como conjunto de nações soberanas. E ainda tem gente que acredita e prega que a “salvação” está lá fora, que só Trump salva! Só ele é o “caminho, a verdade e a vida”!

» **Paccelli M. Zahler**
Sudoeste

Cultura golpista

Erudito, dinâmico e à frente de seu tempo, o imperador Dom Pedro II foi derrubado pelo primeiro golpe militar do Brasil, orquestrado pela elite ultraconservadora da época. Esse episódio inaugurou uma cultura golpista que se estende até hoje. Os herdeiros dessa oligarquia apoderaram-se das estruturas do Estado e das terras devolutas do país, acumulando patrimônio à custa da ilegalidade. Atualmente, controlam o Congresso Nacional impulsionados pelo apoio de uma base popular manipulada, de onde continuam a ditar as leis e a aparelhar os cofres públicos em benefício próprio.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Cegueira em Brasília

O Brasil mudou, o mercado de trabalho mudou e o trabalhador, também; mas Brasília parece não ter percebido. A celebração dos números do emprego transmite a ideia de que cada vaga criada é sinônimo de prosperidade. Não é. O brasileiro deseja mais que uma ocupação: aspira renda compatível com dignidade, estabilidade, tempo para a família e perspectivas reais de ascensão social. Quer menor desgaste no deslocamento, flexibilidade, segurança e modalidades remotas ou híbridas. Quer férias, acesso à saúde

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O trabalho por aplicativo cresce 36,8% no Brasil.

É o segundo emprego, garantindo a sobrevivência das pessoas. Aliás, tende a aumentar com a escala 5x2.

Mauro de Oliveira — Brasília

Alexandre de Moraes tem que ser afastado do STF. Não se deveria discutir isso. Mas André Mendonça não tem mais nenhuma condição de continuar relatando esses inquéritos.

Gilmar Simeira — Brasília

59,6% do eleitorado defende a internação involuntária, mostra pesquisa do **Correio**. Isso exige muito cuidado e responsabilidade, senão vira limpeza étnica e social.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Árvore de grande porte cai em cima de carro na Asa Norte. Essas árvores têm, no mínimo, 50 anos. O governo deveria fazer um estudo para ver se estão doentes ou coisa parecida. Estão caindo sem vento ou chuva forte, ao que parece.

Nainha Sales — Brasília

mudar essa realidade, para não ser vítima dos seus ideais. Sugiro às pessoas, no recesso do lar, ou junto à natureza, colocarem-se alguns minutos em silêncio, quietas, esvaziar a mente, em meditação diária. Já é um bom começo. É um poder que não se imagina.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.98.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br